



**PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Tuesday 20 November 2007 (afternoon)  
Mardi 20 novembre 2007 (après-midi)  
Martes 20 de noviembre de 2007 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1. (a)

Acreditei durante muito tempo ter vindo ao mundo de um modo diferente de toda a gente. Foi a minha avó Catarina – e as avós nunca mentem – quem me meteu esta ideia na cabeça. Costumava contar-me que, num dia de inverno, de manhã cedo, apesar do nevoeiro, o faroleiro João de Castro tinha ido à praia da Adraga apanhar polvos, quando deu comigo metido num  
5 ovo enorme, com a cabeça, as pernas e os braços de fora.

Como testemunhas presenciais minha avó citava um cavaleiro maneta, mestre equestre, que para ali ia montar acompanhado pelos seus três peões de brega, recrutados entre os mais aparvalhados das aldeias. Eles e o faroleiro assistiram estremunhados ao estranhíssimo espectáculo. E os cinco disputaram entre si quem iria ficar comigo. A meio da discussão  
10 foram atacados por uma cobra-marinha que estava a guardar-me. Mas João de Castro, com a lança que lhe servia para espetar os polvos entre as rochas, cortou-lhe a cabeçorra diabólica, assim conquistando o direito à minha posse.

Este faroleiro, de aqui em diante meu pai, vivia com a mulher, Joana Correia de Castro, no cabo da Roca, e por não terem filhos lhe interessava ficar com o enjeitado, quase normal  
15 uma vez saído da casca. E lá me levou, ora ao colo ora às costas, por atalhos e a corta-mato, até às pedregosas alturas da Roca, na esperança de não encontrar ninguém mais, para não ser obrigado a explicar quem era a criança a chorar esfomeada. Nunca na vida meu pai desmentiria a sogra, que não lhe perdoava a pobreza nem o ter-lhe roubado a única filha, três vezes mais nova que ele. E Joana, minha mãe para todos os efeitos, deve ter gostado desse filho-mistério  
20 que primeiro a assustou porque tinha seis dedos no pé direito, e logo a comoveu por vir roxo de frio, mal embrulhado numa capa impermeável.

Por muito que meus pais receassem irritar os ânimos difíceis de Catarina ao porem em causa o seu relato, não compreendo que o não fizessem mais tarde, caso fosse outra a verdade. Sempre subscreveram a versão da minha avó, e aos poucos me acostumei a ser uma ave rara.

25 Na véspera do meu nascimento caíra sobre a serra de Sintra a tempestade mais tremenda de que as pessoas se lembram. A aurora chegara enrolada em nimbos<sup>1</sup> baixos, tão carregados de cúmulos<sup>2</sup> em forma de couve-flor de chumbo que nunca, em muitos anos de embarcado, meu pai observara tal espessura de nuvens, tal secura de trovões confirmando o rifão: se trovão seco no céu reboa, tempo violento nos apregoa. João de Castro era um repositório destas regras  
30 rimadas, de teorias proverbiais com que explicava as estranhezas que rodearam o dia memorável: relâmpagos ao norte e vento forte, se do sul vem, chuva também. Mas não foi chuva o que veio, foi uma catarata caída do firmamento, um entornar de aéreas águas sobre a terra e o mar já inchado do furor das vagas. O horizonte desapareceu completamente, uma escuridão de estanho esfumado avançara dos lados do Norte de África à velocidade de um tornado, atroando  
35 tudo com o barulho de todos os bombos e tambores do universo. Minha mãe garantia que três vezes a terra tremera. E o meu sisudo pai, com o seu fraco por filosofar, opinava que naqueles momentos a Serra era um ventre de grávida percorrido pelos abalos que antecedem o parto.

40 Uns uivos surdos, curtos, seguidos de outro mais demorado, desvairaram os animais das vizinhanças, lançaram o pânico entre os humanos que viram telhas e tectos abrindo, paredes estalando, soalhos rachando ou pegando fogo quando as brasas das lareiras se espalharam, quando a fraca chama das velas de repente incendiou panos que estavam perto, quando as chaminés de vidro dos candeeiros a petróleo explodiram estilhaçadas. Houve quem corresse para fora de casa, preferindo o dilúvio ao estoirar dos telhados. O último estertor fora o pior, e não faltou quem se preparasse para o fim do mundo.

Benigno José de Almeida Faria, *O Conquistador* (adapt.), Portugal (1990)

---

<sup>1</sup> nimbos: nuvem espessa e cinzenta.

<sup>2</sup> cúmulos: nuvem de base horizontal e contornos arredondados, semelhante a grande montanha de neve.

1. (b)

**Corridinho<sup>1</sup>**

O amor quer abraçar e não pode.  
A multidão em volta,  
com seus olhos cediços<sup>2</sup>,  
põe caco de vidro no muro  
5 para o amor desistir.  
O amor usa o correio,  
o correio trapaceia<sup>3</sup>,  
a carta não chega,  
o amor fica sem saber se é ou não é.  
10 O amor pega o cavalo,  
desembarca do trem,  
chega na porta cansado  
de tanto caminhar a pé.  
Fala a palavra açucena,  
15 pede água, bebe café,  
dorme na sua presença,  
chupa bala<sup>4</sup> de hortelã.  
Tudo manha, truque, engenho:  
é descuidar, o amor te pega,  
20 te come, te molha todo.  
Mas água o amor não é.

Adélia Prado, *O coração disparado*, Brasil (1978)

---

<sup>1</sup> Corridinho: dança (música) típica do Algarve (região do sul de Portugal), já bastante difundida e popularizada, que apresenta um ritmo saltitante e acelerado.

<sup>2</sup> cediços: estragado; podre; aborrecido; velho; rotineiro.

<sup>3</sup> trapaceia: fazer fraude.

<sup>4</sup> bala: rebuçado.

---